

AS IMAGENS DA RELIGIOSIDADE NA POESIA DE HILDA HILST

KAMILLA KRISTINA SOUSA FRANÇA¹

ENIVALDA NUNES FREITAS E SOUZA²

RESUMO: Hilda Hilst questiona em sua obra, principalmente nas poesias reunidas em “A trajetória poética do ser”, o valor de Deus e sua importância para o homem. Comparando essa visão de Hilda com os dogmas e crenças da religião judaico-cristã, percebe-se o quanto a poeta inova nas imagens e nas metáforas para caracterizar Deus. Analisamos alguns poemas de Hilda em que a poeta considera Deus um ser comum, dependente dos homens para seu louvor e adoração. Deus não seria superior, poderoso e sábio, como diz o cristianismo, pelo contrário, ele estaria sujeito a condições de solidão, tristeza, medo e ódio como qualquer ser humano. Essa postura cética da autora, de quem olha com olhares humanos para antigos paradigmas religiosos e sua busca por definir essa nova visão de Deus, a equipara aos maiores escritores contemporâneos. Desta forma, entendemos o quanto é importante observar as manifestações desse tema tão instigante e a atitude corajosa da poeta, que o trata com originalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Hilda Hilst, literatura, religiosidade, poesia, Deus.

ABSTRACT: Hilda Hilst questions in her workmanship, mainly in her poetries congregated in the “A trajetória poética do ser” (“The poetical trajectory of the being”), the value of God and its importance for the man. We compare the Hilda Hilst’s vision with the beliefs of the religion Jewish-Christian, so we perceive how much the poet innovates in the images and the metaphors to characterize God. We analyze some poems of Hilda where the poet considers God common, his dependence of the men for his worship. God would not be the highest, powerful and wise, as the christianity says, for the opposite; it would be subject to conditions of solitude, sadness, fear and hatred as any human being. This skeptical position of the author, of who looks at with human looks for old religious paradigms and its search for defining this new vision of God, equalizes it to the biggest contemporaries writers. In such a way, we understand how much it is important to observe the manifestations of this so instigate and the courageous attitude of the poet, who deals it with originality.

KEY-WORDS: Hilda Hilst, literature, religion, poetry, God.

¹ Unidade Acadêmica: Instituto de Letras e Linguística/UFU. Endereço: Rua Izaú Rangel de Mendonça, 650, apt 302. Bairro Jardim Finotti. Uberlândia/MG. Cep: 38408-136. E-mail: kamilla_lili@yahoo.com.br

² Unidade Acadêmica: Instituto de Letras e Linguística/UFU. Endereço: Rua Pedro José Samora, 1286. Bairro: Santa Mônica. Uberlândia/MG. Cep: 38408-224. E-mail: eni@ufu.br

I - Introdução:

Muito considerada pelos críticos em geral, Hilda Hilst é lembrada como uma das autoras mais importantes da literatura brasileira contemporânea. Embora sua literatura, devido aos temas e a liberdade de gêneros, devesse atrair muitos leitores, Hilda ainda é pouco conhecida entre leitores comuns, pois, segundo Leo Gilson Ribeiro, o leitor “[...] médio estanca ao tentar ler um texto que exige conhecimentos filosóficos.” (RIBEIRO, 1999, p.85). O crítico ainda nos revela que há na obra de Hilda fatores que a distanciam do público, como os neologismos. Vejamos: “[...] os neologismos de Hilda Hilst [possuem] [...] além de mesclas orais, dialetais, do linguajar caipira do interior de São Paulo como o português culto, [são] muitas vezes derivado de termos clássicos da língua, de séculos anteriores.” (Ibidem). Certamente, não é a linguagem o único elemento a favorecer um certo hermetismo à poesia de Hilda Hilst. Consciente de que sua poesia não se entrega facilmente, ela mesma acabou por criar um mito ao seu redor, dizendo: “Eu ouço muito que as pessoas não me entendem, e quando alguém me entende eu fico besta.” (VOGT, 1999, p.19).

Porém, são seus temas que podem diminuir a distância entre leitor e sua obra,

já que a autora fala de morte, Deus, amor e erotismo, assuntos que afetam todo ser humano. Como vemos na fala de Nelly Novaes Coelho:

“Escritora da linhagem dos fundadores – aqueles que lançam os alicerces de novas rotas – Hilda Hilst (tal como Guimarães Rosa, Clarice Lispector, João Cabral e outros fundadores) vem construindo sua obra, cuja matéria-prima é retirada deste mundo em caos, descentrado (desde que perdeu seu centro sagrado), mundo em acelerado processo de mutação e incapaz de responder às interrogações - limite da condição humana: Quem somos? O que fazemos aqui?, Para onde vamos, após a morte?, etc.” (COELHO, 2002, p. 265)

A liberdade com que Hilda trabalha com os gêneros literários também faz com que sua literatura possa ser mais aceita, uma vez que existem diferentes gostos do público dentro dos diversos gêneros literários. Por exemplo, em suas crônicas de jornal encontramos traços do dramático e do lírico, assim como em suas prosas, em que percebemos outros gêneros ali presentes.

Neste trabalho, selecionamos, entre muitos temas interessantes da autora, as imagens da religiosidade em sua obra, destacando, principalmente, os poemas. Esta escolha foi decidida após uma pesquisa sobre artigos, teses e dissertações em que concluímos que muito pouco tem sido pesquisado na área. Neste aspecto,

Hilda Hilst inova, pois tratará Deus com olhares altamente críticos, o que levará a uma desestruturação de antigos conceitos e dogmas religiosos. Analisando a sua poesia, percebemos que Hilda abre mão de todo rebuscamento da palavra e de figuras de linguagem para tratar de uma nova concepção de Deus, cujo objetivo é ser clara e eficiente, já que deseja o entendimento por parte do leitor.

II - Materiais e Métodos:

Em primeiro momento foi considerada importante a leitura de textos sobre a poesia contemporânea em geral, por acreditar que, assim, aumentaria o nosso entendimento sobre a construção e produção literária de um texto lírico. Esse fato possibilitou um maior embasamento teórico para a construção de uma análise da obra de Hilda Hilst. Foi realizada a leitura da obra *Aula* de Roland Barthes, texto que nos ajudou a entender a formação do discurso, principalmente o literário. Em seguida lemos *Leitura de Poesia e O ser e o tempo na poesia*, de Alfredo Bosi. Outras obras relevantes para esta pesquisa foram: *O arco e a Lira*, de Octavio Paz, *Esse ofício do verso*, de Jorge Luis Borges e *Lírica e Lugar-comum*, de Francisco Aechcar.

Posteriormente, buscamos entender o nascimento da religiosidade cristã na literatura e suas implicações. Para isso,

lemos o texto *Poesia e Mito*, de Ana Maria Lisboa de Mello e *O vazio Intenso: Renascimento Religioso no Romantismo Inglês, Francês e Alemão* de MH Abrams e William Empson. Realizamos a leitura da revista *Biblioteca Entre Livros*, ano 1, nº2, intitulada “A Bíblia muito além da fé”, que trata a religião e a bíblia com foco literário. Lemos, também, a revista *Cult*, ano 8, nº 98, em que trata o tema ‘O que Deus espera do homem?’, segundo Bento de Núrsia. Estudamos, ainda, excertos do texto *O gênio do cristianismo* de François René Chateaubriand, que nos ajudou a entender o nascimento da relação romantismo/cristianismo e suas oposições com os gregos e romanos. Além disso, considerando que nesta pesquisa buscamos comparações entre a religião judaico-cristã e a obra de Hilda Hilst, foi necessária a leitura e análise de diversos trechos da Bíblia.

Além das leituras e discussões dos textos citados, foram realizadas análises das concepções pessimistas de *Friedrich Nietzsche* e *Arthur Schopenhauer*, observando fundamental importância sobre a visão desses filósofos acerca da morte e da religião. Buscamos, com isso, relacionar a obra de Hilda com tais idéias, já que a autora foi uma grande leitora destes pensadores.

Partimos, após esse embasamento teórico, para a leitura e análise da obra de

Hilda Hilst. Lemos de forma aprofundada a obra *Exercícios*, por tratar de questionamentos de caráter metafísico-religiosos em quase toda ela. Lemos e analisamos alguns poemas de *Da morte*, *Odes mínimas* e *Cantares de perda e predileção*. Realizamos a leitura de outras obras de Hilda como *A Obscena Senhora D*, *Cartas de um sedutor* e *Poemas malditos, gozosos e devotos*. Com isso, entendemos um pouco mais sobre a obra de Hilda e percebemos o quanto Deus se destaca como um personagem importante em suas criações literárias. Buscamos, para nos ajudar a compreender Hilda, textos de importantes críticos que se dedicaram a estudar a obra da autora. Na revista *Caderno de Literatura Brasileira*, do Instituto Moreira Sales, encontramos análises dos escritores Leo Gilson Ribeiro, Renata Pallotini, Nelly Novaes Coelho, Eliane Robert Moraes e Lygia Fagundes Telles, que nos relatam desde a personalidade da autora até as maiores críticas sobre suas obras. Foi lido o texto “Apresentação”, de Leo Gilson Ribeiro, que se encontra na obra *Ficções* de Hilda, o texto de Anatol Rosenfeld, “Hilda Hilst: poeta, narradora, dramaturga”, que está localizado na obra *Fluxo-Floema* de Hilda. Esse último texto vem nos revelar mais do que a dimensão plural da obra da autora, mas também a qualidade, principalmente os questionamentos religiosos de sua obra.

Ainda lemos criticamente o *Dicionário Crítico de Escritores Brasileiros*, onde Nelly Novaes Coelho nos apresenta um pouco de Hilda e sua obra. Estudamos, também, *A poesia de Hilda Hilst: em busca de estruturas complexas* de Cristiane Grando, uma importante estudiosa de Hilda residente em Campinas, publicada na Revista D.O. Leitura de agosto de 2003. Na mesma revista, porém em maio de 2003, Mechthild Blumberg apresenta-nos um artigo muito interessante: *Hilda Hilst: paixão e perversão no texto feminino*. Tomamos, também, conhecimento de uma entrevista que Sônia de Amorim Mascaro realiza com Hilda publicada, *Caderno de programas e leituras Jornal da Tarde*, onde Hilda nos fala um pouco de sua personalidade e sua obra. Lemos, ainda, de Antônio Carlos Viana o artigo, publicado na revista *Letras & Letras* no ano de 1990, *Sobre uma face de Hilda*, texto em que o autor nos revela um pouco sobre os neologismos da poeta.

Realizamos a leitura de outros textos que nos revelam um pouco mais sobre a obra de Hilda de forma geral, como: de J.L. Mora Fuentes, lemos o texto *O caderno Rosa de Hilda Hilst* e *Como uma brejeira escoliasta*; de José Castello: *O que é ser maldito hoje em dia*; da crítica Cristiane Grando: *Hilda Hilst: a morte e seu duplo* e *Hilda Hilst hoje*; de Vera Queiroz: *A mecânica da obsessão*; e de

Rodrigo Petrônio: *Elogio de Hilda Hilst e Celebrações de Hilda Hilst*. Além desses, outros artigos foram lidos e estudos devido a sua importância: de Alcir Pécora: *Hilda Hilst: call for papers*; no jornal *Correio Popular*, encontramos o artigo *Hilda Hilst ganha o prêmio da APCA*; de Álvaro Alves de Faria, o texto *Hilda Hilst, o silêncio estrondoso*; de Dora Ferreira da Silva; o texto *Duas experiências do Angélico*; de João Nunes, lemos o artigo *Festival de Brasília quer manter prestígio* e de Jorge Coli, o texto *Lori Lamby resgata paraíso perdido da sexualidade*. Em pesquisas realizadas descobrimos mais alguns artigos que posteriormente realizamos a leitura como: de Caio Fernando Abreu: *Dois ou três almoços, uns silêncios* e *Sobre A obscena Senhora D*, de Flávio Moura: *Rica de amores, Hilda Hilst volta em 77 poemas*, de Clara Silveira Machado e Edson Costa Duarte: *a vida: uma aventura obscena de tão lúdica*, de Ana Maria Ciccacio: *Novela de Hilda devassa a velhice*, de Maria Gonzáles: *Futuro vazio*, de Mauricio Stycer: *Hilda Hilst*, de Geraldo Mayrink: *Dona da palavra*; e por último, dois textos de Luíza Mendes Furia: *Hilda percorre o caminho da imortalidade* e *Hilda e seus personagens não param de pensar*. Além desses, mais três artigos não podem ser esquecidos: de Alcir Pécora e João Adolfo Hansen: *Tu, minha anta, HH*; de Alvaro

Machado: *'Ninguém me leu, mas fui até o fim'*, diz *Hilda Hilst* e de Marilene Felinto: *Hilda Hilst, 69, pára de escrever: 'Está tudo lá.'*

Como forma de auxílio, foram realizados encontros semanais de quatro horas cada, com a Orientadora, para discussão e estudo de leituras realizadas, sendo de Hilda Hilst ou de poesia em geral, que poderiam facilitar o andamento da pesquisa. Esses encontros também buscavam observar rendimentos e avanços da Pesquisa.

III - Resultados:

O desenvolvimento deste trabalho se torna importante no meio acadêmico por tratar-se de uma pesquisa inusitada, visando ao estudo das imagens da religiosidade na obra de Hilda Hilst, uma vez que compara os questionamentos de Hilda com o aspecto da religião judaico-cristã. Assim, a difusão da obra de Hilda será possível através desse trabalho acadêmico, que, juntamente com outros, que buscam trabalhar a autora sobre outros aspectos, fazem com que seja creditado a Hilda um pouco do alto valor que a autora apresenta. Apoiada neste projeto de Iniciação Científica, venho divulgando meu trabalho em eventos na Universidade e fora dela, como um Workshop intitulado "Prefácio a Hilda Hilst", realizado na

Universidade federal de Uberlândia, no dia 14 de fevereiro de 2006, com duração de duas (2) horas. Neste trabalho a apresentamos a muitos que não a conheciam, a obra e a vida de Hilda Hilst. Percebemos, através desse Workshop, que a poeta, cronista, ficcionista e dramaturga era pouco conhecida, então resolvemos realizar um Sarau na Livraria Siciliano, no dia 25 de março, com poesias de Hilda sendo recitadas por alunos do curso de letras que haviam frequentado o Workshop. Organizamos, posteriormente, o **II Seminário de Poesia em Homenagem a Hilda Hilst**, que se realizou nos dias 30 e 31 de março de 2006, recebendo grandes críticos na obra de Hilda, como: Profa. Dra. Cristiane Grando, Prof. Dr. Gilberto Martins, Prof. Dr. Luís André Neponuceno, Prof. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido, Profa. Dra. Maria Lúcia Castilho Romera, além dos professores da casa. Neste Seminário, apresentamos a comunicação individual: *A importância das imagens da religiosidade na poesia de Hilda Hilst*, que foi ouvida e vista pela crítica Profa. Dra. Cristiane Grando e pela orientadora Profa. Dra. Enivalda Nunes Freitas e Souza. Além disso, realizamos a apresentação da comunicação individual intitulada: *A religiosidade como um tema deslumbrante na poesia hilstiana*, no VII Simpósio de Letras: Língua(gem) e Literatura – Tributo

a Mário de Andrade, que se realizou nos dias 28 a 30 de junho de 2006, na UFG (Universidade Federal de Goiás), campus Catalão.

Assim, a amplitude de temas e a maneira inovadora frente a outros escritores comprovam a enorme capacidade intelectual de Hilda e justifica o merecimento por mais destaque acadêmico e também entre a sociedade de leitores em geral, (o que é justamente buscado) e é, justamente, o que buscamos nesta pesquisa.

IV - Discussão:

Destacaremos um pouco de sua vida, uma vez que os acontecimentos biográficos muitas vezes se interligam na feitura da obra, sejam esses acontecimentos vividos, experimentados, imaginados ou testemunhados. Hilda Hilst nasceu em Jaú, interior de São Paulo, em 21 de Abril de 1930. Filha única de Apolônio de Almeida Prado Hilst e de Bedecilda Vaz Cardoso. Assim que Hilda nasce, seus pais se separam, motivo que faz com que a escritora mude-se com sua mãe para Santos. Seu pai, com apenas 35 anos, é internado no sanatório de Campinas com esquizofrenia. Hilda Hilst, com sete anos, entra para a escola interna Colégio Santa Marcelina, em Santos, onde permaneceria por oito anos.

Posteriormente, em 1945, inicia os estudos na Escola Mackenzie. Toda essa formação rígida e muito religiosa faz com que apareça em sua poesia diversos questionamentos sobre a existência de Deus e a sua configuração na religião judaico-cristã, fatores que interferiram na formação da poeta. Sua educação religiosa e humanista também a levariam a preocupar-se com o futuro dos homens.

Em 1948 inicia o curso de Direito na Faculdade do Largo de São Francisco. A partir desse momento, Hilda passa a levar sua vida de forma boêmia e desregrada, comportando-se de modo muito inovador para a época. A escritora defendia a liberdade da mulher e direitos iguais entre elas e os homens. Escandaliza, com isso, a alta sociedade de São Paulo. Com a sua beleza estonteante, Hilda desperta amores em poetas, como Vinicius de Moraes, além de encantar empresários e homens da época. A escritora, em 1949, é escolhida, entre os alunos de Direito, para saudar Lygia Fagundes Telles, por ocasião do lançamento do livro *O cacto vermelho*, de Lygia. Inicia-se, assim, uma amizade muito intensa entre as escritoras. Lygia revela que, por essa época, Hilda já se encontrava: “[...] amando e escrevendo os seus primeiros livros de poesia. Fazendo sucesso numa Paulicéia que nada tinha de desvairada [...]” (TELLES, 1999, p.14) Como prova da opinião de Lygia, Hilda

inaugura sua carreira literária com a obra poética *Presságios*, em 1950, quando Hilda tinha apenas 20 anos.

Segundo Hilda, ela se inicia no mundo da literatura devido, primeiramente, à admiração ao pai, grande escritor de versos livres, e, posteriormente, almejando os elogios e a consideração da figura paterna.

Formou-se em Direito em 1952. Hilda viaja pela Europa de junho a dezembro de 1957. Neste período, namora Dean Martin, ator americano.

Hilda destacava-se de forma especial por sua inteligência. A escritora lia e estudava Nietzsche, Schopenhauer, Hegel, dentre outros, fundamentando sua obra em grandes princípios filosóficos desenvolvidos por estes pensadores. Em meio a essas leituras literárias, Hilda conhece, em 1963, a *Carta a El Greco*, do escritor grego Nikos Kazantzakis, obra que viria a influenciar seu isolamento para se dedicar exclusivamente ao estudo e à produção literária. Com isso, ela defende a idéia de que é importante isolar-se da convivência social para atingir o conhecimento do ser humano. A autora dizia que era fundamental um desaprender para se aprender mais e melhor, e que seria necessária uma renúncia para o próprio crescimento intelectual. Deste modo, Hilda muda-se, em 1966, para a Casa do Sol, fazenda da família nas proximidades de

Campinas-SP, passando a viver na companhia de Dante Casarini. Seu pai falece nesta mesma época. Em 1968, por imposição de sua mãe, casa-se com Dante. Neste mesmo ano sua mãe é internada no mesmo sanatório em que seu pai esteve, morrendo em 1970. Temendo a loucura, Hilda não teve filhos, pois segundo suas pesquisas, a loucura “saltava” uma geração para ressurgir em outra.

Hilda morre em 4 de fevereiro de 2004, em Campinas, com problemas cardíacos e respiratórios.

Hilda, durante essa longa produção literária, em que acreditava que somente se isolando da sociedade era possível estreitar a relação com o conhecimento, produziu diversas obras, variando em poesia, teatro e prosa. Na área de poesia escreveu: *Presságio* (1950), *Balada de Alzira* (1951), *Balada de festival* (1955), *Roteiro do silêncio* (1959), *Trovas de muito amor para um amado senhor* (1959), *Ode fragmentária* (1961), *Sete cantos do poeta para o anjo* (1962) por essa recebe o Prêmio PEN Clube de São Paulo; *Poesias* (1959-1967), *Júbilo, memória, noviciado da paixão* (1974), *Poesia* (1959-1979), *Da Morte. Odes mínimas* (1980). Em 1981, Hilda Hilst recebe o Grande Prêmio da Crítica para o Conjunto da Obra pela APCA (Associação Paulista de críticos de Arte). Além disso, produziu *Cantares de perda e predileção* (1983), arrebatando o

Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro e Prêmio Cassiano Ricardo do Clube de Poesia de São Paulo também por essa obra, *Poemas Malditos, Gozosos e Devotos* (1984), *Sobre a tua Grande Face* (1986), *Amavisse* (1989); *Alcoólicas* (1990), *Bufólicas* (1992), *Do Desejo* (1992), *Cantares do Sem Nome e de Partidas* (1995); *Do Amor* (1999).

A autora construiu também uma vasta produção em prosa: *Fluxo-Floema* (1970), *Qadós* (1973), *Ficções* (1977) recebe o prêmio como melhor livro do ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte; *Tu não te moves de ti* (1980), *A obscena senhora D* (1982), *Com meus olhos de cão e outras novelas* (1986), *O caderno rosa de Lori Lamby* (1990); *Contos D'Escárnio/Textos Grotescos* (1990); *Cartas de um Sedutor* (1991); *Rútilo Nada* (1993), com o qual recebe o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, como melhor conto; *Estar Sendo, Ter Sido* (1997); *Cascos e Carícias - crônicas reunidas* (1992-1995).

Na área da dramaturgia, produziu: *A possessa* (1967), *O rato no muro* (1967), peça apresentada no Festival de teatro de Manizales-Colômbia; *O visitante* (1968), *Auto da barca de Camiri* (1968), *O novo sistema* (1968), (encenado no teatro Veredas - SP); *As aves da noite* (1968), *O verdugo* (1972) com o qual recebe o

prêmio Anchieta e é, também, encenado pelo Grupo de Teatro Núcleo; *A morte do patriarca* (1972), dentre outras peças.

Dentro de sua vasta obra, Hilda trabalha temas variados como a morte, o amor, o erotismo, o medo, a efemeridade do tempo e a metalinguagem, de maneira peculiar e extraordinária, causando uma identificação de alguns leitores com sua obra. Hilda se destaca, assim, por tratar de questionamentos comuns a todo ser humano, como a existência de Deus, a sua atuação em relação ao homem e seu poder em nossas vidas. Além disso, a autora trabalha com assuntos que são de interesse geral entre os leitores, como a morte, o erotismo, o tempo, o amor e a feminilidade, dentre outros. Esta variedade temática, sempre instigante, faz com que sua obra desperte interesses e gostos constantemente. Este fato fez com que muitas de suas obras fossem traduzidas. Seu teatro foi dramatizado em italiano, francês, alemão e inglês.

Tratarei da visão de Hilda sobre Deus, que é um tema muito recorrente em sua obra, considerando suas colocações no âmbito do cristianismo. Este tema, por si só complexo, é ainda pouco estudado no meio acadêmico.

Deus, dentro da teologia judaico-cristã, é um ser supremo, alguém onipresente, onisciente e onipotente. Ele

amou e ama a sua criação como não somos capazes de amar nem mesmo nossos entes queridos. Sendo assim, Deus é um ser amoroso e bondoso que perdoa o homem de todos os seus erros e pecados, levando todos os que acreditam e confiam nele para o seu reino no céu. Ele tudo vê, mas este olhar “[...] é um ‘ver’ acompanhado de solidariedade e de co-participação. Podemos dizer que é um ‘ver’ carregado de compaixão.” (SILVA, 2005, p.27) Desta forma, Deus se comove, se apieda de nós e de nossos erros e nos ajuda. Deus é, para os homens cristãos, uma fonte de segurança, paz e esperança.

A grosso modo, para a Filosofia e a História, Deus foi um meio de justificação para a Igreja Católica dominar o saber, principalmente na Idade Média. Pelo visto, tais disciplinas acreditam que Igrejas e seitas agrupam fiéis buscando arrecadar dinheiro, com a promessa de uma vida eterna no céu. Dentro da visão da Psicologia, Deus é a causa das dúvidas e inseguranças do homem, relacionadas ao futuro e à vida após a morte. Além disso, muitos afirmam que acreditar na figura divina e ser fiel a ela é algo do comodismo, pois muito do que acontece é visto como desejo de Deus, sendo justificado com a famosa frase: ‘porque Deus quis’. Sustentam a idéia, ainda, de que este Deus tira o livre arbítrio do homem, deixando uma terrível idéia de pecado, exigindo

fidelidade e compromisso com a sua pessoa. Veremos que Hilda, quando trata Deus, ela entra com liberdade neste campo, buscando desfazer muitos mistérios ao redor do divino. Com isso, a poeta se encontra mais para a idéia de um Deus como um ser comum, que não pode agir em favor do homem, do que para o ideário do cristianismo.

Este tema da religiosidade, em especial a cristã, inicia-se, de modo mais sistemático, na literatura do período do Romantismo, passando a ser indispensável a qualquer forma literária, pois representava a oposição ao paganismo dos neoclássicos. A religião passa a representar os sentimentos do poeta romântico, o que possibilitava uma abertura para assuntos do interior do indivíduo. Analisando este fato, Macedo Soares pôde afirmar que “Sem religião não há arte”. (SOARES, 1857, p.17), concluindo que a religião era uma fonte de conhecimento do psicológico humano.

A religiosidade em Hilda é apresentada com uma análise metafísica de busca do sentido e da verdade, revelando-nos uma visão absolutamente anticristã. A autora, em sua vasta obra, vem dar corpo e forma a esta religiosidade voltada para o terreno, de uma maneira que o homem assuma o centro das atenções. Irreverente em tudo o que faz, Hilda apresenta no tratamento das imagens religiosas o

máximo de sua irreverência, pois, neste universo, mais do que em outros, busca uma poesia liberta de dogmas cristãos, com versos modernos e originais, em relação a Deus e à religiosidade. Pela leitura de sua obra, Hilda, em sua sensibilidade poética muito inovadora, deixa registrado em sua poesia um elevado cunho metafísico-religioso, de sentidos complexos e abstratos. São “[...] geralmente questões metafísicas exploradas de formas diversas: palavras, imagens e sons jorram intensamente no papel, ganham vida na linguagem de Hilda Hilst.” (GRANDO, 2003, p.40).

Hilda manifesta, então, uma visão antibíblica de Deus, como relatados em dois poemas da autora que se encontram na obra *A trajetória poética do ser* (1963/1966), que foi reunida atualmente, com outras obras da autora, no livro *Exercícios* pela Editora Globo. Nesse momento a poeta realiza “Uma interrogação radical [que] é provocada por essa nova experiência religiosa que tenta re-descobrir a religião no sentido original da palavra “re-ligio”: a re-ligação do homem ao universo cósmico/divino do qual foi separado ao nascer.” (COELHO, 1980, p.291) Observemos, então, um poema:

“O Deus de que vos falo
Não é um Deus de afagos.
É mudo. Está só. E sabe
Da grandeza do homem
(Da vileza também)

E no tempo contempla
O ser que assim se fez.

É difícil ser Deus.
As coisas O comovem.
Mas não da comoção
Que vos é familiar:
Essa que vos inunda os olhos
Quando o canto da infância
Se refaz.

A comoção divina
Não tem nome.
O nascimento, a morte
O martírio do Herói
Vossas crianças claras
Sob a laje,
Vossas mães
No vazio das horas.

E podereis amá-Lo
Se eu disser serena
Sem cuidados,
Que a comoção divina
Contemplando se faz?"
(HILST, 2002, p.51-52)

Como foi observado, Deus, para o cristianismo, é um ser perfeito, sábio, superior, que realiza atos impossíveis e inimagináveis. Ele vive independente de nós, porém se comove com nossos problemas e nossas tristezas, perdoando-nos e auxiliando-nos em tais momentos.

Ao contrário do que propõe o cristianismo, Hilda encara Deus como um ser comum, que possui defeitos e que não 'afaga' os homens ajudando-os e consolando-os, já que não se comove. Vejamos: "O Deus de que vos falo / Não é um Deus de afagos. / É mudo. Está só." Assim entendemos que, para a poeta, Deus não é superior e bom, que não se preocupa com 'afagos', mas que está sujeito a

condições humanas de mudez e solidão. Este Deus sabe reconhecer a superioridade do homem frente a ele mesmo: "E sabe/ Da grandeza do homem/ (Da vileza também)", colocando-se em estado de admiração e contemplação diante da figura humana: "E no tempo contempla/ O ser que assim se fez. /É difícil ser Deus. / As coisas O comovem." A escritora destaca, também, a fragilidade do Ser supremo que não afaga, não age, só contempla de forma solitária e infeliz. Essa contemplação é destacada como algo negativo, pois é através dela que Deus percebe sua inferioridade e pequenez em relação ao homem. Em oposição a esta idéia está a contemplação de Deus na bíblia, que aparece como algo positivo, em que ele admira a sua criação e se encontra feliz com o seu feito. Como vemos em Gênesis, a cada momento após cada criação de Deus, há o comentário: "E viu Deus que isso era bom" (BÍBLIA, p.3-4), sendo uma contemplação positiva como comprovamos em: "Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom." (BÍBLIA, p.3) O Ser Divino então se admira e compreende que eram bons os seus feitos, que sua criação era um ato "muito bom". Diferente do que aparece na poesia de Hilda em que ele contempla e percebe com isso a grandeza e a vileza do homem por ele criado.

Continuando a análise do poema, Deus, como perceberemos nos próximos

versos, não se comove com recordações da infância: “Mas não da comoção/ Que vos é familiar: / Essa que vos inunda os olhos /Quando o canto da infância /Se refaz.” A contemplação de Deus não é por coisas comuns que comovem a todos. È uma comoção ‘sem nome’ e definição. “A comoção divina/ Não tem nome. / O nascimento, a morte/ O martírio do Herói/ Vossas crianças claras/ Sob a laje, / Vossas mães /No vazio das horas”. Fatos comoventes não atingem tais funções em Deus. A tristeza do herói, a morte de uma criança, o sofrimento de sua mãe não provocam uma tristeza em Deus, esse é indiferente. Porém, ele se comove com sua própria situação de solidão, desejando incessantemente a atenção dos homens. Na última estrofe, como para concluir sua argumentação, o sujeito lírico duvida se devemos amar a um Deus que se comove tão facilmente com sua condição de solidão e mudez: “E podereis amá-Lo/ Se eu disser serena / Sem cuidados, / Que a comoção divina/ Contemplando se faz?” A escritora humaniza Deus, destacando seus defeitos, considerando que Deus não é digno de ser amado, já que nem com as situações mais comuns ele se comove.

No poema, como foi dito,

“[...] seu eu - lírico intui Deus não mais como a divindade transcendental do Antigo e Novo testamento (totalmente separada do homem e absoluta em sua espiritualidade e eternidade), mas

como a complementação divindade/humanidade que produzirá a transfiguração do mundo/ homem/ Deus [...]” (COELHO, 1980, p. 293)

Podemos observar ainda, que Hilda se preocupa em colocar sempre letras maiúsculas quando se refere a Deus no poema, pois busca confirmar, enfatizar e esclarecer que é justamente do Deus do cristianismo que ela fala: “Deus”, “As coisas O comovem”, “E podereis amá-Lo”. Por último, é importante destacar que este é um poema que possui uma linguagem clara e comunicativa, não possui praticamente metáforas para caracterizar Deus. Isto ocorre porque Hilda está “revirando” alguns dogmas e crenças muito antigos da religião judaico-cristã, necessitando se fazer clara e objetiva pra alcançar os leitores. Assim, este é um de seus poemas mais simples e com menos figuras de linguagem.

Hilda revela que a sua obra é uma busca ininterrupta por Deus, diz: “Posso blasfemar muito, mas o meu negócio é o sagrado. É Deus mesmo, meu negócio é com Deus.” (HILST, 1999, p.30) Nelly Coelho escreve que a obra de Hilda é possuidora de uma interrogação muito importante no pensamento contemporâneo, é uma interrogação “[...] de natureza metafísica (filosófica-religiosa), centrada no além-aparências, ou melhor, no espaço limiar entre o profano e o sagrado [...]”

(COELHO, 1999, p.66) Assim, segundo Nelly Novaes Coelho, “Inicia-se [com Hilda] uma nova experiência existencial que cabe à poesia nomear: *a busca de Deus nas coisas terrestres.*” (idem, p.71) A crítica, em outro momento, nos revela que esta busca se faz presente principalmente neste recorte da obra de Hilda:

“Pode-se, talvez, dizer que o verdadeiro motivo polarizador da poesia de Hilda a partir desta A TRAJETÓRIA POÉTICA DO SER, é a nova experiência religiosa que *busca Deus nas coisas terrestres.*” (COELHO, 1980, p. 291)

Fatos terrestres e comuns, como os já citados, comprovam a tese de Coelho: “O nascimento, a morte/ O martírio do Herói/ Vossas crianças claras/ Sob a laje,/ Vossas mães”. Hilda revela ainda em uma entrevista a Sônia de Amorim Mascaro que almejava Deus:

“E eu desafiei-O muitas vezes em meus livros como uma blasfêmia para ver se de repente dava um furor Nele e Ele dizia: ‘está bem, eu estou aqui.’, ou seja o que for, surgisse qualquer luz impressionante, qualquer coisa, que me pudesse dar pelo menos uma explicação de algum ato mínimo da vida.” (MASCARO, 1986, p.5)

Leo Ribeiro conclui que Hilda, dentro da tônica espiritualista e cristã, humaniza o ser celestial através da linguagem, deixando em seus poemas a idéia de que Deus reconhece sua

inferioridade em relação aos homens. Seria como um outro deus qualquer em suas qualidades e limitações. Então, para Ribeiro, Hilda considera “Deus tão sujeito às paixões humanas do ódio, da crueldade deliberada ou da omissão quanto às divindades do Olimpo da Grécia antiga” (RIBEIRO, 1977, p.IX-XII). Já que “[...] os gregos e os romanos não expandem suas vistas mais além que sua vida, e não suspeitam de prazeres mais perfeitos que os deste mundo [...], a religião cristã ao contrário nos oferece sem cessar o duplo quadro das tristezas da terra e as alegrias celestes [...]” (CHATEAUBRIAND, 1802, p. 118-9) Como para Hilda, Deus não é tão poderoso como a religião judaico-cristã afirma, as alegrias celestes não passam de suposições ou até mentiras. Por isso, Hilda vai em busca de novas afirmações e idéias para extrapolar essa visão limitada, segundo ela, do cristianismo. Para Chateaubriand ainda, “O Deus da Escritura, é ciumento, ama, odeia; sua cólera cresce como um turbilhão; o Filho do Homem se apieda de nossos sofrimentos [...]; em geral o Paraíso se preocupa muito mais com os homens do que o Olimpo.” (idem, p. 121).

Ribeiro esclarece, ainda, que na obra da escritora “[...] não há nenhum elemento gratuito nem lúdico nesta profunda prescrição teológica”. (RIBEIRO, 1977, p.IX-XII) Dentro dessa profundidade na

investigação do divino, a poeta faz uso de fatos extremamente comoventes, como a morte de uma criança e o sofrimento de sua mãe, para nos mostrar que Deus agiria ao contrário do que imaginamos. Não se comoveria, não afagaria a mãe nem mesmo choraria tal morte. Já que somente contempla os fatos de maneira distante e solitária. Desta forma, Hilda faz uso de imagens religiosas de modo claro e sugestivo, mas não casual. Hilda escolhe as palavras e as imagens para construir de maneira mais clara um universo de significação. Transformando a palavra “[...] de algum modo... em algo mágico.” (BORGES, 2000, p.84), aproximando o assunto do poema aos desejos do leitor.

Analisando outro poema de Hilda, percebemos que, realmente, a poeta tratará Deus como um ser humanizado, imperfeito e dependente dos homens. Além disso, observaremos que a poeta usa de imagens religiosas comuns para nos apresentar suas concepções de Deus, como percebemos nos versos: “Nosso Deus era um Todo/ inalterável, mudo” e em “Ele espera dos homens que O/ mantenham vivo” Buscando basear-se nestas imagens para conhecer melhor o ser e a realidade, pois “A imagem é transformação de forças instintivas; estas, por sua vez, respondem, em última instância, pela sua gênese.” (BOSI, 1983, p.18) Assim, a imagem na poesia assume um papel de conhecedor da

realidade através do ser e do seu íntimo. Para Platão as imagens “[...] têm origem divina, no mundo supra-sensível [...]” (BOSI, 2001, p.28), de maneira que estas poderiam explicar a realidade de maneira ‘superior’ e, muitas vezes, mais clara. Podemos constatar tal dito no poema abaixo transcrito:

“Vereis um outro tempo estranho
ao vosso.
Tempo presente mas sempre um
tempo só,
Onipresente.

A dimensão das ilhas eu não sei.
Será como pensardes ou como é
Vossa própria e secreta dimensão.
Às vezes pareciam infinitas
De largura extremas e tão longas
Que o olhar desistia do horizonte
E sondava: ervas, água
Minúcias onde o tato se alegrava
Insetos, transparências delicadas
Tentando o vôo quase incerto.

O peito era maior que o céu
aberto.
Parávamos. E sabeis
Que o que contenta mais o peito
inquieta
É olhar ao redor como quem vê
E silenciar também como quem
ama.

Éramos muitos? Ah, sim.
Éramos muitos em mim.
O perigo maior de conviver era o
perigo de todos.
Nosso Deus era um Todo
inalterável, mudo
E mesmo assim mantido. Nosso
pranto
Continuamente sem ouvido
Porque não é missão da divindade
Testemunhar o pranto e o
regozijo.

O que esperais de um Deus?
Ele espera dos homens que O
mantenham vivo.

E os verdes, os azuis, o chumbo
delicado
De umas tardes, a pureza das aves
Os peixes de verniz
Na abertura mais funda de umas
águas.” (HILST, 2002, p.53-54)

O poema é a reconstrução de um Édem perdido, agora redimensionado segundo o próprio tamanho do homem. Nesse jardim-ilha, o tempo será eternizado e o homem terá mais “tempo” para sondar seu universo exterior e interior. Observamos que Hilda faz uso de diversas imagens da natureza no poema para tentar encontrar seu “eu”, seu interior e seus sentimentos, para com isso explicar e revelar Deus. Pois as imagens da natureza facilitariam o entendimento do ser divino, pois “Mesmo na lírica moderna, aberta a uma liberdade imprevisível no jogo de significações e na experimentação da linguagem, está presente a magia das imagens primordiais.” (MELLO, 2003, p.14)

Como foi visto nesses dois poemas,

“Em A TRAJETÓRIA POÉTICA DO SER, muito mais do que procurar um caminho que possa levar o eu-poético (e ao ser humano que lhe dá voz e corpo) ao encontro da Verdade que lhe permitirá Ser em plenitude, Hilda Hilst procura o caminho para um novo homem e um novo mundo através de uma nova concepção de Deus.” (COELHO, 1980, p. 292)

O poema nos revela que as dúvidas e incertezas do homem são ignoradas por

Deus: “Vereis um outro tempo estranho ao vosso. / Tempo presente mas sempre um tempo só, /Onipresente. /A dimensão das ilhas eu não sei. /Será como pensardes ou como é /Vossa própria e secreta dimensão. / Às vezes pareciam infinitas / De largura extremas e tão longas / Que o olhar desistia do horizonte/ E sondava: ervas, água/ Minúcias onde o tato se alegrava/ Insetos, transparências delicadas/ Tentando o vôo quase incerto.” A descrição de fatos da natureza para explicar as dúvidas e os questionamentos do eu – lírico, já que “A linguagem indica os seres ou os evoca.” (BOSI, 1977, p.22) Como nestes versos, em que compara o céu a seus sentimentos: “O peito era maior que o céu aberto. / Parávamos. E sabeis/ Que o que contenta mais o peito inquieto/ É olhar ao redor como quem vê/ E silenciar também como quem ama.” Declarando que estes sentimentos, antes expressos em imagens, não são do conhecimento de Deus, pois ele está ocupado com algo mais importante: “Nosso Deus era um Todo inalterável , mudo/ E mesmo assim mantido. Nosso pranto/ Continuamente sem ouvido/ Porque não é missão da divindade/ Testemunhar o pranto e o regozijo.” Assim, Deus, para a poeta, é um ser distante que não se importa com o interior de cada indivíduo. Como no outro poema, Deus testemunha nossa tristeza e pranto, mas não se comove. Revela-se um Deus

oposto ao Deus do cristianismo que ouve, consola e busca a nossa alegria, realizando, inclusive, atos impossíveis por nós. O Deus considerado por Hilda busca somente sua exaltação, que depende do ser humano: “O que esperais de um Deus? / Ele espera dos homens que O mantenham vivo.” Observamos mais uma vez, então, que o Ser supremo é dependente do homem e que busca fazer de nós objetos para sua glória. “Como se vê dá-se aí uma inversão: Deus é que espera manter-se vivo através do homem. E o que O testemunha como existência é a Sua própria criação, é o que resulta de sua “comoção.” (COELHO, 1980, p. 296) Este Deus, então, ainda na visão de Coelho sobre Hilda: “Não é um Deus luminoso, esse. É muito mais terrível e necessário, do que iluminado e acolhedor como o Deus cristão [...]” (Ibidem)

Segundo Irmã Mônica, freira que destaca o seu ponto de vista em um artigo da revista *Cult*, “Deus espera de seus filhos a transfiguração progressiva para alcançar uma beleza sempre mais resplandecente [...]” (CASTANHEIRA, 2005, p. 64). A Irmã explica que Deus espera que o louvemos cada dia mais, pois encontraremos pureza de alma e com isso uma beleza resplandecente. Então, como muitos religiosos acreditam, louvar e adorar a Deus causaria um bem estar para nós. Ao contrário do que Hilda ressalta em ambas as poesias de Hilda, Deus se

apresenta pra a religião cristã como um benefício para os que o servem, pois os protege os guarda e os purifica a alma de todo o mal. Ainda na mesma revista, confirmamos as crenças cristãs a que Hilda se opõe, segundo Juvenal Savian Filho Deus “[...] se deixa encontrar pelos ensinamentos do próprio Espírito Santo [...]” (FILHO, 2005, p.59), assim se estudássemos e buscássemos Deus, ele estaria pronto a nos ajudar a nos conceber seu auxílio e apoio. Não seria um Deus como o que Hilda apresenta, um Deus distante que não se importa com nossos interesses por ele.

Confirmando esta idéia, Leo Gilson Ribeiro explica ainda que Hilda, em sua obra, encarava Deus como “um sádico imperfeito que esboçou seres humanos para temê-Lo e adorá-Lo.” (RIBEIRO, 1977, p.IX-XII). Segundo Anatol Rosenfeld, Hilda possui realmente uma visão diferenciada sobre Deus, que para ela seria um: “Estranho Deus teosófico que faz do homem cobaia, que o trata a porretadas como se fosse cão sarnento, enquanto ao homem cabe salvar este Deus, que como consta de uma das peças, é o lobo do homem como o homem é o lobo de Deus” (ROSENFELD, 1970, p. 10-7).

Como se pode verificar em ambas as poesias, Hilda Hilst desejava entender Deus. Confirmamos, assim, que a autora repassa à sua obra um desejo íntimo seu de

entender e alcançar Deus. Expõe dúvidas e interrogações sobre o futuro, a morte e a religiosidade que perturbavam o mais profundo de seu ser. “Hilda parte do Deus conhecido até hoje pela cultura cristã: o do “homem da queda”, para em seguida acenar para o novo Deus (...)” (COELHO, 1980, p. 285)

Entendemos, então, que Hilda Hilst considera a figura de Deus não como um ser supremo e superior, como vemos no cristianismo, mas como alguém comum que sofre dores e tristezas e que depende de nossa glória e louvor para sobreviver. Hilda se volta, então, para uma “religião terrena, experimentada nos limites da lucidez e assombrada pelos fantasmas de amor” (HILST, 1930), como é dito na contracapa do livro *Exercícios*. Desta forma, “Sua criação se tece em busca do Sagrado, do Absoluto e do Amor [...]” (COELHO, 1999, p.78) almejando, pelo visto, encontrar e entender Deus.

Hilda fala assim de sua visão de religião cristã e esclarece, com isso, sua teoria sobre Deus, para contrariá-la já que falar da religião judaico-cristã é algo altamente poético. Vejamos: “[...] de todas as religiões a cristã é a mais poética, a mais humana, a mais favorável à liberdade, às artes e às letras [...]” (CHATEAUBRIAND, 1802, p. 113). Com isso falar de Deus é mais poético para Chateaubriand do que os deuses da

antiguidade: “Ora aí está a grande vantagem de nosso culto sobre os cultos da antiguidade; a religião cristã é um vento celeste que infla as velas da virtude e multiplica as tempestades da consciência em torno do vício.” (idem, p.117-8).

Como foi dito anteriormente, o personagem maior de Hilda é Deus e um dos seus temas mais buscados é o divino. Esse desejo de Hilda por Deus, então, se estende por diversas de suas obras. Percebemos isso em *Amavisse* (1989), em que, segundo Leo Gilson Ribeiro, “A temática de livros anteriores ressurgue. Deus incognoscível, talvez cruel por critérios humanos, talvez remoto em uma galáxia inacessível à imaginação ou à concepção meramente humanas.” (RIBEIRO, 1989, p.3) Em *A obscena Senhora D* (1982), a personagem Hillé, a senhora D, questiona a EHUD sobre Deus:

“como será a cara DELE hen? é só luz? uma gigantesca tampinha prateada? não há um vínculo entre ELE e nós? não dizem que é PAI? não fez um acordo conosco? fez, fez, é PAI, somos filhos. não é o PAI obrigado a cuidar da prole, a zelar ainda que a contragosto? é PAI relapso?” (HILST, 2001, p.38)

Porém, como já ficou claro, Hilda trata Deus de maneira humanizada, assim o personagem pergunta se Deus teria anus: “Ai, Senhor, tu tens igual a nós o fético buraco?” (idem, p.45) Hillé continua questionando se Deus deve ser louvado:

“Ó buraco, estás aí também no teu Senhor? Há muito se louva o todo espremido. Estás destronado quem sabe, Senhor, em favor desse buraco?” (idem) Percebemos essa busca por Deus em *Ficções* (1977), de Hilda, também, principalmente nesse diálogo entre os personagens:

“Então, minha velha, Deus também faz assim conosco, só que as cobaias somos nós e existimos e estamos aqui para salvar esse Deus que nos faz de cobaias. Não, não. Se deus fosse esse que você diz, Ele teria mais fascínio e mais prestígio. Olha, você quer saber? Eu acho que deus se alimenta de todas as nossas misérias.” (HILST, 1977, p.273)

Hilda Hilst, em *Poemas Malditos e Devotos* (1984), mais uma vez apresenta Deus como alguém que desconhece e que, por isso, almeja muito. Assim percebemos no poema V desta obra:

“Para um Deus, que singular
prazer.
Ser o dono de ossos, ser o dono de
carnes
Ser o Senhor de um breve Nada: o
homem:
Equação sinistra
Tentando pareçença contigo,
Executor.” (HILST, 2005, p.23)

V - Conclusão

Desta forma, destacamos que a obra de Hilda Hilst é “[...] uma busca sincera, desesperada, do Deus esquivo e inalcançável, incognoscível [...]” (RIBEIRO, 1999, p.81). Hilda Hilst duvida e cria questionamento buscando uma

resposta para a dúvida sobre a existência de Deus:

“Hilda Hilst põe em dúvida a existência de Deus e oscila entre a suprema esperança de haver um significado maior e recôndito para a vida humana e um niilismo que de tudo descrê – e por força disso, ergue blasfêmias contra Deus e injúria o que seriam impiedades divinas – para o caso de Deus existir -, no tocante às orações e súplicas dos seres humanos.” (RIBEIRO, 1999, p.80)

Assim, “Não por acaso, o alvo primeiro [...] será mesmo Deus que antes habitava a Idéia e sustentava a ilusão de todo – esse equivalente algébrico e abstrato das vãs promessas de salvação.” (PALLOTTINI, 1999, p. 118). Para fundamentar a dúvida, Hilda expõe a idéia de que Deus não passa de um ser solitário, dependente do homem para existir. Surge para essa fundamentação um “confronto entre o alto e o baixo, além de subverter a hierarquia entre os dois planos, tem portanto, como conseqüência última, a destituição da figura divina como modelo ideal do homem.” (MORAES, 1999, p.119 – grifo nosso)

Hilda, deste modo, ‘joga’ por terra muitas concepções do cristianismo, em que Deus é considerado um ser supremo, perfeito, poderoso para realizar ações impossíveis, como separar o mar, ressuscitar pessoas e curar doenças incuráveis. Esse Deus maravilhoso é alvo de questionamento pela autora. Segundo

ela, Deus não escutaria nossas orações e preces, pois é pequeno demais para atendê-las. Como modo de finalizar seu pensamento, Hilda questiona se Deus é realmente merecedor de nosso amor e admiração. Com isso, ela quebra todos os pilares do cristianismo sustentados pela devoção e admiração ao ser divino.

VI - Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1964.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: UNESP, 1998.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

BAUDELAIRE, Charles. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

BENJAMIN, Dom Estevão Francisco. *Laboratório da Perfeição*. In: *Cult*, ano 8, n. 98. São Paulo: Editora Bregantini, p.54-56.

BÍBLIA Sagrada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BORGES, Jorge Luis. *Esse ofício do verso*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

BOSI, Alfredo (org). *Leitura de poesia*. São Paulo: Editora Ática, 2001.

_____. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1983.

BOSI, Viviana. *A imagem na poesia: Jorge de Lima*. In: BOSI, Viviana et alli (org.) *O poema Leitores e Leituras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: USP, 1933.

CASTANHEIRA, Irmã Mônica. *A beleza está na busca*. In: *Cult*, ano 8, n. 98. São Paulo: Editora Bregantini, p. 62-64.

CHATEAUBRIAND, François René. *O gênio do cristianismo (excertos)* In: LOBO, Luíza. *Teorias poéticas do Romantismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p.113- 122.

COELHO, Nelly Novaes. A poesia obscura/luminosa de Hilda hilst e a “metamorfose” de nossa época. In: HILST, Hilda. *Poesia: 1959-1979*. São Paulo: Quíron, 1980.

_____. *Da poesia*. In: *Cadernos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, p. 66-78, 1999.

_____. *Dicionário Crítico de Escritores Brasileiros*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002, p. 264-267.

ELLIOT, T.S. *A essência da poesia*. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1972.

FILHO, Juvenal Savian. A “teologia” construída pela prática. In: *Cult*, ano 8, n. 98. São Paulo: Editora Bregantini, p. 57-59.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GRANDO, Cristiane. A poesia de Hilda Hilst: em busca de estruturas complexas. In: *D.O.Leitura*. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, ano 21, n. 08, p.39-43.

HILST, Hilda. *Amavisse*. São Paulo: Massao Ohno, 1989.

_____. *A obscena Senhora D*. São Paulo: Globo, 2001.

- _____. *Da morte. Odes mínimas*. São Paulo: Globo, 2003.
- _____. *Exercícios*. São Paulo: Globo, 2002.
- _____. *Ficções*. São Paulo: Quíron, 1977.
- _____. *Poemas malditos, gozosos e devotos*. São Paulo: Globo, 2005.
- LIMA, J.L. *A dignidade da poesia*. São Paulo: Ática, 1996.
- LOPES, Edward. *Metáfora*. São Paulo: Atual, 1986.
- MASCARO, Sônia de Amorim. *Hilda Hilst. Uma conversa emocionada sobre a vida, a morte, o amor e o ato de escrever*. In: *Jornal da Tarde*, São Paulo, 21 jun. 1986.
- MELLO, Ana Maria Lisboa de. *Poesia e Mito*. In: SANTOS, Dulce O. Amarante dos; TURCLI, Maria Zaira.(orgs). *Encruzilhadas do Imaginário: ensaios de literatura e história*. Goiânia: Cânone Editorial, 2003.
- MORAES, Eliane Robert. *Da medida estilhaçada*. In: *Cadernos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, p. 114-126, 1999.
- PALLOTTINI, Renata. *Do teatro*. In: *Cadernos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, p. 97-113, 1999.
- PAZ, Octavio. *O Arco e a Lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- RIBEIRO, Leo Gilson. *[Apresentação]*. In: HILST, Hilda. *Ficções*. São Paulo: Quíron, 1977, p. IX-XII.
- _____. *Da ficção*. In: *Cadernos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, p. 80- 96, 1999.
- _____. *Luminosa despedida*. In: *Jornal da tarde*. São Paulo, p. 3, 4 de mar. 1989.
- ROSENFELD, Anatol. *Hilda Hilst: poeta, narradora, dramaturga*. In: Hilst, Hilda. *Fluxo-Floema*. São Paulo: Perspectiva, 1970, p. 10-7.
- SILVA, Rafael Rodrigues. *Um baú de leis, hinos, cantos, mitos e sagas*. In: *Biblioteca Entre Livros*, ano 1, n° 2. São Paulo: Duetto editorial, p.20-36.
- SOARES, Macedo. *Cantos da solidão [Impressões de leitura]*. In: *EAP*, n. 3-4, p. 397, 1857
- SOUZA, Enivalda Nunes Freitas e. *Projeto de pesquisa: Gênero e linguagem do texto lírico*. Uberlândia, 2003.
- TELLES, Lygia Fagundes. *Da amizade*. In: *Cadernos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, p.13-16, 1999.
- UNGARETTI, Giuseppe. *Razões de uma poesia*. São Paulo: Edusp; Editora Imaginário, 1994.
- VIANA, Antônio Carlos. *Sobre uma face de Hilda*. In: *Letras & Letras*, vol.6, n. 1-2. Uberlândia: EDUFU, p. 149-153, 1990
- ZAMITH, Dom Abade Joaquim de Arruda. *Nada contra a liberdade individual; tudo pelo bem comum*. In: *Cult*, ano 8, n° 98. São Paulo: Editora Bregantini. p. 48-53